**Dr. David Turner, Matthew
Aula 7A – Mateus 13:53-15:39: Jesus fortalece os discípulos enquanto o conflito se intensifica**

Saudações, aqui é David Turner, e esta é a Aula 7a. Nesta aula, estamos tentando abordar um trecho bastante amplo do texto de Mateus. Queremos apresentar Mateus 13:53 a 15:39, especialmente à medida que o discipulado se fortalece e a oposição continua.

Mas, para dar início a esta palestra, precisamos, antes de tudo, contextualizar esta passagem com o próximo bloco narrativo. Acabamos de chegar ao final do terceiro discurso, as parábolas do reino em Mateus 13. No final de Mateus 13, começando no versículo 53, há o próximo bloco narrativo que se estende até 17:27, e é para ele que nos voltamos.

Introdução ao Bloco Narrativo, Mateus 13:53 a 17:27. Mateus 13:53 a 7:27 é o bloco narrativo entre o terceiro e o quarto discursos, e pode ser a seção mais difícil deste evangelho de analisar em termos de estrutura. A sabedoria convencional entre os estudiosos que acreditam que Mateus depende de Marcos é que, neste ponto, Mateus cessa seu arranjo tópico ou temático distintivo das tradições de Jesus e começa a seguir a ordem de Marcos. Esta é a visão daqueles que se apegam à visão prioritária de Marcos.

Não estou convencido disso, mas também não sou totalmente contra. É simplesmente difícil concluir. Embora a estruturação do material por Mateus neste bloco narrativo possa não ser tão meticulosa quanto antes, fica claro que ele deseja que sua história de Jesus transmita a polarização cada vez maior das respostas a Jesus e ao Reino.

No que talvez seja o texto crucial desta seção, 16:13 a 28, o contraste entre as visões falsa e verdadeira sobre Jesus, 16:13 a 16, e sobre o discipulado, 16:21 a 26, fica claro, assim como o destino final de Jesus nas mãos dos líderes judeus em Jerusalém, 16:21, e as outras grandes previsões da paixão, 17:9, 12, 22, 23, 20:17 a 19 e 21:39. Dependendo de como você divide, há cerca de 16 episódios neste bloco narrativo. Se você consultar o material de apoio, o material suplementar, além do esboço desta palestra na página 30, encontrará também os temas principais de Mateus 13:53 a 17:27 na página 31. Tentamos explicar a maneira como ambos entram em conflito com os líderes judeus, e a ênfase de Jesus em desenvolver a fé dos discípulos é demonstrada ali, e você pode analisar isso por si mesmo e perceber como esses assuntos continuam surgindo. Gostaríamos de desenvolver isso mais, mas o tempo é essencial. Então, agora passamos para a rejeição de Jesus em Nazaré, em Mateus 13, versículos 53 a 58.

A descrença é sempre algo triste, mas neste caso é especialmente patética. Não é preciso muita imaginação para imaginar que Jesus, como a maioria das pessoas que retornam para casa, chegou com boas lembranças e desejos de reencontrar velhos conhecidos. Mas neste caso, não é o caso, pois os antigos companheiros de Jesus se recusaram a aceitar seu status e missão messiânicos porque se lembravam de suas origens humildes.

Talvez haja um elemento de inveja aqui. Os habitantes da cidade não aceitam um rapaz de cidade pequena que, como diz o ditado, se sai bem. Mas, deixando tudo isso de lado, eles não estão apenas discutindo sobre a anomalia da linhagem humilde e comum de Jesus e seu ministério especial e poderoso.

Eles estão rejeitando o reino de Deus. O ditado "a familiaridade gera desprezo" se aplica aqui, e as consequências são devastadoras. Em certo sentido, a incredulidade de Nazaré tipifica a de Israel como um todo.

Jesus não é honrado entre os judeus, evidentemente porque eles não conseguem conceber um Messias, pois o concebiam como um conquistador político e militar, com as origens humildes de Jesus. Portanto, eles não o honram em sua cidade natal, mas ele será tido em alta estima pelos gentios. No entanto, mesmo isso não deve ser enfatizado indevidamente, visto que há, de fato, alguns entre Israel, incluindo a família de Jesus, que creem em Jesus e se tornam mensageiros do reino aos gentios.

A ausência de milagres de Jesus em Nazaré não deve ser vista como uma questão de incapacidade, mas sim como uma questão de escolha. Não é que o poder de Jesus seja prejudicado pela incredulidade, mas sim que ele não recorre a táticas espalhafatosas e realiza milagres simplesmente para agradar aos céticos. Compare 12:19 e 12:38.

O semeador é parabólico, mas também profético, no início de Mateus 13. Assim que Jesus conta a parábola do semeador e as outras parábolas, ele vê a verdade delas com tristeza em sua própria cidade natal. As pessoas diante de quem e com quem ele cresceu simplesmente não conseguem compreender a missão do seu reino, embora reconheçam sua sabedoria e poder em Mateus 13:54 e 13:56.

Eles simplesmente não entendem, e por isso talvez devam ser identificados no caso da semente lançada na terra batida à beira do caminho, devorada pelos pássaros ou por Satanás, antes mesmo de germinar, 134 e 19. Mas talvez até mesmo em Nazaré houvesse terra boa, algumas pessoas a quem os segredos do reino foram revelados, 13:11. Agora, passamos para a história da morte de João Batista, outra história muito triste em Mateus 14:1 a 12.

Nesta passagem, a história violenta da dinastia herodiana continua. As maldades de Herodes, o Grande, são bem documentadas na história antiga e em Mateus 2. Aqui, Antipas se revela filho de seu pai, embora esteja com a consciência pesada pelo mal que sua promessa precipitada o leva a fazer. Antipas é uma figura fraca, patética e desprezível, cujo capricho maligno é motivado pela sugestão de sua esposa vingativa à filha.

Plumtree tem um comentário sobre Mateus, e nele, há uma observação frequentemente citada. Como a maioria dos homens, Herodes temia ser considerado fraco. Em vez de reconhecer humildemente o erro de sua promessa precipitada, ele salva a própria face destruindo o profeta de Deus.

Os convidados de seu palácio recebem um exemplo flagrante de poder e ação corruptos, mas Herodes assume seu lugar na lista de governantes malignos que rejeitaram e destruíram os mensageiros de Deus. Na narrativa de Mateus, a execução de João por Antipas segue-se à rejeição de Jesus pelo povo de Nazaré. Esses dois episódios consecutivos enfatizam a descrença em duas situações diferentes, mas o tema unificador é a rejeição dos mensageiros de Deus.

O tratamento semelhante dado a João e Jesus é mencionado em Mateus 11:18 e 19, e você pode vê-lo novamente no capítulo 17. Como Jesus disse, não há ser humano maior do que João Batista, Mateus 11:11. João cumpriu destemidamente e fielmente seu papel como aquele que preparou o caminho para Jesus.

Antipas pode ter sido o chamado rei em sua festa de aniversário, quando ordenou a execução de João e a profanação de seu cadáver, mas um dia ele se apresentará diante do rei dos reis e prestará contas de seu tratamento atroz ao precursor do rei. Visto que esta seção de Mateus enfatiza intencionalmente como Jesus desenvolve a fé de seus discípulos, a ação dos discípulos de João ao sepultarem seu mestre adequadamente deve ser lida como uma lição para os discípulos de Jesus. A morte de João antecipa a morte de Jesus, 17:12, e a ação dos discípulos de João aqui é exemplar para os discípulos de Jesus, 27:57 a 61.

Até mesmo a relutância de Antipas em decapitar João pode antecipar a relutância de Pilatos em crucificar Jesus, 27:18 em diante. As semelhanças entre João e Jesus são surpreendentes, levando pessoas como Davies e Allison a observar que Mateus 14:1 a 12 é uma parábola cristológica. E agora a alimentação dos 5.000, 14:13 a 21.

Seria natural concluir desta passagem que Jesus realizou este milagre por compaixão pelos famintos. Este milagre também demonstraria a autoridade do reino de Jesus e sua influência sobre as pessoas para que cressem nele. Mas, além dessa interpretação direta do milagre, várias abordagens têm sido sugeridas.

Barclay sugere que o milagre deve ser entendido como a partilha espontânea de alimentos trazidos por indivíduos devido ao poder do exemplo de Jesus. Jesus pega os escassos suprimentos que os discípulos trouxeram e começa a distribuí-los. Outros seguem o exemplo, e há mais do que suficiente para todos.

Assim, o milagre é uma questão de egoísmo superado pela generosidade, à medida que todos seguem o exemplo de Jesus. Apesar da lição salutar que essa interpretação nos traz, ela não pode ser sustentada exegeticamente. Fica claro na passagem que os escassos suprimentos dos discípulos, 5 pães e 2 peixes, foram de alguma forma milagrosamente multiplicados para alimentar uma multidão de talvez 20.000 pessoas.

Não há menção de outros trazendo comida adicional, nem qualquer comentário sobre o egoísmo se transformando em generosidade. Esta é uma história de milagre, não uma fábula sobre generosidade. Outra interpretação enfatiza as conotações eucarísticas da passagem, considerando-a uma alegoria da Eucaristia.

De fato, há tantos paralelos verbais claros entre Mateus 14, versículos 13 a 21, e Mateus 26, versículos 20 a 29, que alguma conexão entre os dois parece inevitável. Mas parece ser um exagero remeter a história da Última Ceia e a subsequente prática sacramental cristã a essa história de pessoas famintas sendo milagrosamente alimentadas, especialmente se a historicidade do milagre for posta em dúvida. É mais provável que Mateus pretenda que seus leitores vejam essa história como uma reminiscência do milagre da alimentação dos israelitas com maná no deserto.

Veja Êxodo 16, Deuteronômio 8 e outras passagens. E como antecipação do banquete messiânico escatológico aludido em 8:11 e 26:29. Mateus também pode pretender que o leitor ouça ecos do ministério de Elias, veja 1 Reis 17 e Eliseu, 2 Reis 4. Assim como Deus havia milagrosamente suprido as necessidades de seu povo em tempos passados por meio de Moisés, Elias e Eliseu, Ele também supre as necessidades deles, em última análise, por meio de seu filho amado, o profeta e mestre definitivo de Israel. Nesta passagem, Jesus continua a fortalecer e desenvolver a fé de seus discípulos.

Eles aprendem duas lições com Jesus: compaixão e fé. Quando friamente desejam dispensar as multidões, Jesus compassivamente deseja libertá-las. Quando consideram seus escassos recursos inadequados para a necessidade, Jesus, ainda assim, ordena que atendam à necessidade.

Eles aprendem a modelar seus ministérios segundo o modelo compassivo de Jesus e a crer em seu poder para multiplicar seus recursos. E agora, quando Jesus anda sobre as águas no final de Mateus 14, começando no versículo 22. Cristologia e Discipulado: A aparição de Jesus aos discípulos durante a tempestade no meio do Mar da Galileia ocorre logo após a alimentação dos 5.000.

Essas duas histórias consecutivas, focadas nos poderes messiânicos de Jesus, proporcionam um alívio bem-vindo aos dois episódios anteriores, que enfatizam a descrença. Os poderes messiânicos de Jesus devem ser vistos no contexto do Antigo Testamento. Andar sobre o mar e acalmar uma tempestade são prerrogativas que pertencem somente a Deus.

Jó 26:11 e 12, Salmo 65:7, 89:9 e 10, e outras passagens. Essas ações de Jesus devem ser entendidas como evidência do status igual ao que Jesus mencionou em 11:25 e seguintes. A adoração e o testemunho dos discípulos sobre a filiação messiânica de Jesus em 14:33 são um resultado direto dos atos divinos realizados por Jesus.

Jesus é, entre aspas, adorado diversas vezes em Mateus por pessoas como os magos, um leproso, um oficial da sinagoga, uma mulher cananeia, a mãe dos filhos de Zebedeu e os discípulos. Estude este termo em uma concordância em inglês ou em sua concordância grega com a palavra proskuneo, e ele pode envolver apenas uma reverência respeitosa a um superior, não necessariamente a adoração religiosa a uma divindade. Mas você precisa analisar essas passagens em seu próprio contexto para chegar à conclusão apropriada.

Parece que, nesta passagem, uma adoração messiânica ao Filho de Deus é apropriada como entendimento aqui. Embora a fé dos discípulos tenha sido implicitamente desafiada no milagre da alimentação, 14:15, o milagre da tempestade os desafia diretamente, reforça sua necessidade de uma fé mais forte e fornece a ocasião para sua comovente confissão em 14:31-33. Este segundo milagre da tempestade, assim como o primeiro, deve ser lido como uma imagem do discipulado em meio às provações da vida.

Este milagre também retrata Pedro como o discípulo modelo, o primeiro entre iguais, 14:28-30. As ações de Pedro levam à confissão dos discípulos, 14:33, que antecipa 16:16. O fracasso de Pedro devido à falta de fé, ainda mais do que seu sucesso devido à fé, é exemplar para os discípulos de Jesus em crescimento, tanto naquela época quanto hoje.

Agora, para resumir Mateus 14, após a transição característica de 1353, Mateus deixa o terceiro discurso de Jesus e começa a narrar a próxima etapa do ministério de Jesus. Ele chega a Nazaré, onde seu ministério não é honrado. Notícias de Jesus chegam a Herodes, que erroneamente o toma como João Redivivo, ou renascido.

Ao saber do martírio de João, Jesus se retira para um lugar solitário, mas é seguido por multidões que ele alimenta milagrosamente. Segue-se o incidente da segunda tempestade e muitas curas em Genesaré. Um tema que continua a caracterizar a narrativa de Mateus é o da rejeição de Jesus, que agora ocorre até mesmo em Nazaré.

Outro golpe vem do terrível martírio de João, que faz com que Jesus se afaste dos olhos do público. No entanto, ele não consegue evitar as multidões que clamam por cura. Os discípulos de Jesus continuam a exercer pouca fé quando são testados por outra tempestade, mas repetem a afirmação de que Jesus é o Filho de Deus.

Assim , em geral, pode-se concluir que, em meio à crescente oposição, a autoridade do Reino cresce por meio dos milagres e da fé fraca, porém genuína e amadurecida, dos discípulos. Chegamos agora ao capítulo 15. A estrutura de Mateus 15 se desenvolve a partir da pergunta dos fariseus em 15.1 e 2, que é respondida por Jesus em 15.3 a 9. Então, Jesus se volta para a multidão e se dirige a eles de forma parabólica, evidentemente na presença dos fariseus em 15.10 e 11.

Então, em resposta a duas perguntas dos discípulos, Jesus primeiro denuncia os fariseus em 15:12 a 14, e então explica o enigmático dito de 15:11 às multidões em 15:15 a 20. O movimento vai de 1, os inimigos de Jesus, os fariseus, para 2, a multidão, que vê Jesus de uma maneira muito superficial, para 3, os discípulos, cuja compreensão de Jesus é genuína, ainda que falha. A passagem é uma inclusão, ou seja, tem suportes, e nisso começa e termina com a questão de comer sem lavar as mãos, 15:2 e 15:20. Agora, Jesus na Torá oral e escrita.

Esta passagem é crucial para compreender a relação dos ensinamentos de Jesus com as tradições dos fariseus e a Lei de Moisés. Jesus claramente põe de lado as tradições dos anciãos, visto que elas contradizem a Palavra de Deus em 15:3 a 6, mas será que ele faz o mesmo com as leis alimentares do Antigo Testamento, Levítico 11 e Deuteronômio 14? Aqueles que respondem afirmativamente a esta pergunta enfatizam 15:11 e 17, no sentido de que Jesus nega categoricamente que o alimento possa contaminar uma pessoa. Eles também observam que tudo o que resta em dúvida em Mateus fica claro pelo comentário editorial: "ele declarou todos os alimentos puros", no texto paralelo Marcos 7:19. Mas, em vista de Mateus 5:17, não seria um pouco simplista e presunçoso pensar que Mateus apresentaria Jesus como alguém que descartou uma lei fundamental do Antigo Testamento de maneira tão abrupta e superficial? Outros argumentam que Mateus não apresenta Jesus como anulando as leis alimentares do Antigo Testamento, como Davies, Allison e Overman.

Tais estudiosos assumem a prioridade de Marcos e argumentam que Mateus amenizou a versão de Marcos sobre esse incidente, principalmente ao omitir Marcos 7:19b, onde ele declarou que todos os alimentos eram puros. Outro argumento é que Mateus 15:11 é exortativo e que sua antítese é uma estratégia retórica, não uma proposição prosaica. Também se aponta que Mateus enfatiza a discordância de Jesus com os fariseus nos versículos 2 e 20, que estruturam a passagem.

Jesus negou a validade da tradição deles sobre lavar as mãos, não das leis alimentares em si. Outro fator digno de nota é que o enigmático dito de 15:11, frequentemente interpretado como anulando as leis alimentares, não é interpretado por Jesus em termos de lei alimentar, mas em termos de tradições farisaicas. É verdade que Jesus afirma que qualquer alimento que entre na boca é eliminado, e que o que sai da boca é o verdadeiro problema.

Mas em seus comentários finais, ele contrasta os pecados que contaminam não com o consumo de alimentos impuros, mas com o comer sem lavar as mãos. Assim, há motivos para duvidar que Mateus pretenda que seus leitores concluam de forma simplista que Jesus está simplesmente anulando as leis alimentares. Carson está correto ao apontar Mateus 5:17-48 como a chave para a interpretação de 15:1-20. Jesus não veio para destruir, mas para cumprir a lei e os profetas, e ao fazê-lo, ele ensina a lei de forma definitiva e cumpre seu propósito.

Ele cumpre as leis alimentares do Antigo Testamento ao apontar que, em última análise, a contaminação é uma questão do coração. Eventualmente, as implicações de Mateus 15:11 para as leis alimentares do Antigo Testamento serão reconhecidas pela Igreja Apostólica. Atos 10, a experiência de Pedro ali, o conselho de Paulo aos fracos e aos fortes em Romanos 14, e talvez também Colossenses 2:16. Mas, neste ponto, Mateus narra os ensinamentos de Jesus para sua comunidade judaica cristã de forma implicitamente enigmática.

O princípio de priorizar questões éticas internas em vez das tradições farisaicas de lavar as mãos é claro, mas seria de se esperar que a comunidade de Mateus provavelmente continuasse praticando as leis alimentares do Antigo Testamento como lembretes das preocupações éticas mais profundas expressas por Jesus, o mestre supremo da Torá. Agora, o encontro de Jesus com a mulher gentia em Mateus 15:21-28. Esta passagem contém um diálogo em que Jesus responde três vezes aos apelos da mulher cananeia e uma vez aos seus discípulos. O pedido dos discípulos vem depois da primeira resposta de Jesus à mulher.

Ele a ignora em 15:22-23. Sua segunda resposta pode ser mais direcionada à mulher, desculpe-me, pode ser mais direcionada aos discípulos do que à mulher, e nela, ele nega categoricamente que sua missão diga respeito a ela. Sua terceira resposta à mulher, cujas súplicas desta vez são sublinhadas por sua reverência diante dele, usa uma linguagem direta, até mesmo cruel, 15:25-26. O apelo final da mulher demonstra incrível humildade e perspicácia, pedindo a Jesus que lhe permitisse um pedaço do pão dos filhos. Ele responde elogiando sua grande fé e atendendo ao seu pedido.

Os repetidos pedidos e respostas induzem uma expectativa dramática no leitor. Cada vez que Jesus coloca um obstáculo adicional diante da mulher, o fato de a fé dela prevalecer no final torna tudo ainda mais notável. Agora, Jesus e os gentios estão nesta passagem.

Já está claro em Mateus que Jesus e seus discípulos ministram apenas às ovelhas perdidas de Israel, 9:35-36, 10:5-6. No entanto, já houve pelo menos uma exceção notável a essa regra em Mateus 8:5-13, a cura do servo do oficial romano. É digno de nota que tanto os casos anteriores quanto os atuais de ministração aos gentios giram em torno da fé excepcional, 8:10, 15:28. Ambos os casos envolvem um pedido por outra pessoa. Ambos os casos também falam de bênção em termos de comunhão à mesa, e essa comunhão à mesa é descrita em termos da primazia de Israel.

O oficial romano pode ansiar por sentar-se à mesa com os patriarcas judeus, e a mulher aqui pode ter migalhas do pão dos filhos. A linguagem da mesa é claramente escatológica em 8:11 e o é implicitamente aqui em Mateus 15, visto que a mulher está recebendo bênçãos que fluem da presença do reino, 12:28. A linguagem de Jesus na Última Ceia também tem um contexto escatológico, de acordo com 26:29. Assim, cada refeição entre os cristãos, e ainda mais, cada serviço eucarístico cristão, antecipa o banquete escatológico com Jesus. Davies e Allison estão corretos quando afirmam que esta passagem deixa abundantemente claro que a doutrina bíblica da eleição de Israel deve ser levada a sério.

Como Jesus disse à mulher samaritana, a salvação vem dos judeus, João 4:22. A missão mundial da igreja, que conclui Mateus 28:18-20, é expressa em uma linguagem que ecoa Daniel 7:13-14. Portanto, esta missão mundial não contradiz a missão anterior a Israel, mas a expande. Mateus concordaria com Paulo que, por meio de Jesus Cristo, os gentios foram aproximados das promessas da aliança de Israel, Efésios 2:11 e seguintes. A linguagem da aliança da qual surgem as visões de Mateus e Paulo é evidentemente Gênesis 12:3, e Abraão e todas as famílias da Terra serão abençoados.

E agora a segunda refeição milagrosa em Mateus 14, a alimentação dos 4.000, desculpem-me, Mateus 15:29-39. Davies e Allison apresentam um resumo conveniente das razões pelas quais muitos estudiosos consideram a alimentação dos 4.000 como uma refeição milagrosa para os gentios, o que compensa a alimentação anterior de 5.000 judeus. Isso é bastante conveniente teologicamente para ter uma refeição equilibrada para os gentios, para a dos judeus, mas não pode ser provado. A linguagem geográfica desta passagem é muito vaga e obscura para provar que Jesus estava em território gentio.

A afirmação de que a multidão que testemunhou a cura glorificou, citando o Deus de Israel (15:31), é apropriada para os gentios, mas também é uma frase comum no Antigo Testamento para a adoração de Israel. Há muitas passagens que mostram que, para obter uma concordância, você pode encontrá-la por si mesmo. Portanto, nem a geografia da passagem nem esta frase-chave comprovam que a refeição era para os gentios, e é preciso argumentar a favor disso a partir do contexto em que a refeição ocorre.

Jesus visitou recentemente uma região na fronteira com Israel e curou a filha de uma mulher cananeia extraordinária. Seria coerente com essa ênfase no ministério aos gentios crentes se as curas e a refeição milagrosa narradas em 15:32-39 fossem realizadas para os gentios. Da mesma forma, pode-se até mesmo considerar as 4.000 pessoas como símbolos dos gentios dos quatro cantos da Terra, e os sete cestos de comida que sobraram como símbolos da completude ou universalidade do ministério do reino de Jesus, mas tudo isso é mera especulação que se encaixa em uma teoria preconcebida.

De fato, o contexto provavelmente contradiz a visão de que 4.000 gentios foram alimentados, pois indica que o ministério de Jesus à mulher cananeia foi excepcional, 15:24 . É bastante improvável, portanto, que essa alimentação dos 4.000 tenha sido um milagre para os gentios. Se for esse o caso, por que Mateus o incluiu? Por um lado, se Mateus estivesse seguindo Marcos, Marcos também contém a história, mas Mateus provavelmente também tem um motivo teológico, não apenas histórico. Vários elementos dessa passagem se combinam para se encaixar no que Donaldson chama, entre outros, de escatologia de Sião, que retrata a reunião do Israel disperso no Monte Sião para cura, um grande banquete e muitos outros milagres em passagens como Isaías 35, versículos 5 e 6. Em outras palavras, Mateus elaborou sua narrativa desse milagre para conectá-lo com imagens proféticas do Antigo Testamento da bênção escatológica de Deus sobre seu povo.

Há uma probabilidade adicional aqui de que essa imagem conecte Jesus a Moisés, onde há uma montanha e uma refeição milagrosa ecoando o Sinai e o maná do céu. Claramente, a história de Mateus lembra àqueles familiarizados com o Antigo Testamento a bênção de Deus para seu povo, tanto as bênçãos passadas por meio de Moisés quanto as bênçãos futuras previstas pelos profetas. Isso seria esperado em um evangelho que enfatiza o papel de Jesus como o cumprimento final da lei e dos profetas, mas também seria de se esperar encontrar uma razão para a segunda refeição milagrosa na própria narrativa de Mateus.

Parece provável que Mateus tenha incluído uma segunda refeição milagrosa para enfatizar as lições que seus leitores deveriam aprender com ela, como a compaixão de Jesus, seu poder de realizar grandes coisas com recursos escassos e o prenúncio do banquete escatológico com Jesus. Mas outra lição será ensinada com base nas duas histórias de milagres em Mateus 16:5-11. Aqui, a pouca fé dos discípulos será mais uma vez confrontada com sua preocupação com as necessidades físicas em vez do reino, da verdade e das prioridades. Que tal algumas lições para os discípulos em Mateus 15? Em cada uma dessas seções principais de Mateus 15, Jesus aborda a fé genuína, porém falha, dos discípulos.

Em 15:1-20, na controvérsia sobre a pureza, os discípulos são evidentemente lentos em perceber que o abismo entre Jesus e os líderes judeus é irreversível. Eles estão excessivamente preocupados com o fato de os fariseus terem se ofendido com os ensinamentos de Jesus, e a resposta de Jesus à preocupação deles deixa bem claro que esses líderes são cegos para o reino porque não são plantas de Deus. Em 15:12-14, os discípulos também são lentos em perceber o ensinamento de Jesus de que a genuína pureza vem de dentro.

A resposta de Jesus à pergunta deles deixa claro que os discípulos deveriam ter entendido o que ele queria dizer em Mateus 14:15-16. Essa passagem mostra que a afirmação dos discípulos em Mateus 13:51 não deve ser tomada totalmente ao pé da letra. Sem dúvida, eles pensavam que entendiam bem o reino, mas seu conhecimento genuíno precisava de um aprofundamento considerável. Nas outras duas seções de Mateus 15, os discípulos parecem impacientes com as necessidades do povo.

Eles pedem a Jesus que dispense a mulher cananeia porque seus repetidos apelos os incomodam (14:23 ), e ficam incrédulos com o desejo de Jesus de alimentar os 4.000, já que eles não têm provisões suficientes (14:33). Os discípulos evidentemente se esqueceram da resposta misericordiosa de Jesus a um pedido anterior de outro gentio (8:5-13), e da capacidade de Jesus de alimentar uma multidão anterior ainda maior do que esta (14:13-21). Da falta de compaixão e da memória curta dos discípulos, os leitores de Mateus aprendem que devem ter compaixão semelhante à de Cristo pelos necessitados, ao confiarem em Jesus para usar seus escassos recursos para atender às necessidades dos outros. Na seção seguinte de Mateus, a pouca fé dos discípulos é mais uma vez exposta (16:8), e os leitores de Mateus são mais uma vez lembrados do poder do reino.

E agora, algumas reflexões resumidas sobre Mateus 15. Os eventos de Mateus 13:53-14:36 servem para ilustrar a reação mista ao evangelho que Jesus enfatiza nas parábolas de 13:1-52. No entanto, a oposição nesta seção ainda não veio dos fariseus, cuja calúnia final foi enfatizada em 12:1-45. Embora o assassinato de João antecipe o de Jesus, 12:14, 14:10, 17:12, a ausência dos fariseus em 13 e 14 reduz um pouco a tensão em relação ao nível que havia atingido no capítulo 12. No entanto, essa ausência é apenas temporária.

Os fariseus retornam, no capítulo 15, para criticar os discípulos de Jesus por não obedecerem às tradições dos anciãos. Após esse período, Jesus se retira para o território gentio e cura a filha de uma notável mulher cananeia. Em seguida, ele se muda para o território próximo ao Mar da Galileia para realizar mais milagres e realizar outra alimentação milagrosa.

Os eventos deste capítulo não apenas retratam a contínua teimosia dos fariseus, mas também ampliam nossa compreensão de Jesus como o cumpridor da lei. Ao confrontar os fariseus (15:1-9), ensinar as multidões (15:10-11) e explicar seus ensinamentos aos discípulos (15:12-20), Jesus está, na verdade, repetindo a fórmula de 5:21 em diante, ou seja, "vocês ouviram o que foi dito, mas eu lhes digo", e ele está enfatizando uma justiça que excede a dos escribas e fariseus. Embora essa justiça não seja apreciada pelos fariseus, é bem-vinda pela mulher cananeia que, avidamente, pega as migalhas da refeição que os fariseus se recusaram a comer.

Sua grande fé, 15:28, nos lembra daquela do centurião em 8:10 e seguintes, que participaria da ceia escatológica. Os milagres subsequentes e a ceia continuam a história de Jesus como o compassivo operador de milagres e o mestre paciente. Assim, o reino avança vigorosamente, mas pessoas violentas o atacam.

11:12. A controvérsia continua. Este é o fim da palestra. Obrigado pela paciência, pois falei muito rápido.